

ORIENTE MÉDIO

Hamas quer mudar imagem

Consultor é contratado para tentar convencer o Ocidente de que o grupo não é fanático

Chris McGreal
THE GUARDIAN
RAMALLAH

O Hamas está pagando US\$ 180 mil a um consultor para convencer os europeus e americanos de que não é um grupo de religiosos fanáticos que adora atentados suicidas e odeia os judeus.

A organização, também conhecida como Movimento de Resistência Islâmica, contratou o assessor de mídia Nashat Aqtash para melhorar sua imagem em casa e no exterior porque espera surgir como uma grande força política na eleição geral palestina, na próxima semana, e quer reconhecimento e aceitação dos EUA e da União Européia.

“O Hamas tem um problema de imagem”, disse Aqtash, professor de comunicação na Universidade Birzeit, em Ramallah. “Os israelenses conseguiram criar uma imagem bem ruim dos palestinos em geral, dos muçulmanos e do Hamas em particular. Meu trabalho é projetar a imagem certa.” “Não precisamos que a comunidade internacional aceite a ideologia do Hamas, e sim que aceite os fatos concretos”, afirmou o consultor.

“Não estamos matando pessoas porque adoramos matar. As pessoas acham que o Hamas adora provocar a morte. Não amamos a morte, gostamos da vida.” Aqtash, que se diz contrário à violência e acredita “no caminho de Gandhi”, aconselhou os líderes do Hamas a mudar sua imagem explicando que não odeiam os israelenses por eles serem judeus. Eletenta convencer estrangeiros influentes de que o Ha-



MUDANÇA - Candidatos do Hamas fazem campanha na Cidade de Gaza; grupo palestino deixa de pregar publicamente a destruição de Israel

mas é uma organização pacífica forçada a lutar, mas agora está comprometida com a promoção de sua causa pela política, não pela violência. “O Hamas não acredita na violência nem na morte de civis. Mas (o primeiro-ministro) Ariel Sharon tomou providências para deixar as pessoas furiosas. As vezes somos inocentes a ponto de reagir de modo a permitir que os israelenses usem a reação contra nós”, declarou.

Aqtash afirmou que vai conversar na semana que vem com o ex-presidente americano Jimmy Carter, o ex-primeiro-ministro sueco Carl Bildt e ou-

tros estrangeiros proeminentes que vão monitorar a eleição. Ele reconhece, no entanto, que sua pequena equipe, trabalhando num escritório em Ramallah, tem uma missão difícil pela frente. O Hamas é responsável por numerosos ataques suicidas que mataram e mutilaram centenas de civis, muitos deles crianças. O estatuto de fundação do Hamas pede a destruição de Israel e a imposição de um Estado islâmico em todo o território palestino.

Aqtash, que diz não ser membro do Hamas e não saber onde o grupo obteve o dinheiro para pagá-lo - mas freqüentemente

refere-se à organização usando o pronome “nós” -, contou ter aconselhado os líderes a mudar sua retórica. Ele afirma que o Hamas nada ganha comemorando os atentados suicidas e aconselha os líderes a não falar sobre a destruição de Israel.

“Abdel Aziz Rantissi (líder do Hamas morto há dois anos por Israel) aparecia na TV dizendo coisas inaceitáveis como ‘vamos riscar Israel do mapa’”, afirmou Aqtash. “Ele deveria ter falado sobre o sofrimento palestino. Deveria ter dito que precisávamos do fim desta ocupação. Os estrangeiros vão aceitar isso.” Aqtash também aconselhou os líderes do Hamas a

sublinhar que não são anti-semitas ou contra os israelenses por eles serem judeus. O grupo escutou. Numa entrevista nesta semana, Muhammad Abu Teir, segundo na lista eleitoral do Hamas, ofereceu duas vezes garantias de que não odeia os judeus: “Amar os outros é parte de nossa religião. Não somos contra os judeus enquanto judeus, somos contra a opressão.”

O Hamas está empatado com a facção governista Fatah nas intenções de voto. Segundo pesquisa divulgada ontem, o Hamas tem 30% das intenções de voto e a Fatah, 32%. ●

O brasileiro na retaguarda das eleições palestinas

Paulo Siqueira é o responsável pelo registro de eleitores

Daniela Kresch

ESPECIAL PARA O ESTADO
RAMALLAH, CISJORDÂNIA

As eleições legislativas palestinas da quarta-feira, as primeiras em dez anos, terão um toque brasileiro. O mineiro Paulo Sérgio Siqueira, de 49 anos, é o único estrangeiro enviado pela ONU à Comissão Central Eleitoral em Ramallah, na Cisjordânia, para ajudar na organização técnica do pleito.

Especialista em tecnologia da informação, Siqueira já atuou como consultor em diversas eleições, entre elas a do Timor Leste, em 2003. Mas é agora que enfrenta seu maior desafio: coordenar a realização de uma eleição numa das regiões mais conturbadas do planeta. A votação começa, na prática, hoje, quando milhares de po-

liciais vão às urnas. Eles têm três dias para votar livremente para que, na quarta-feira, se concentrem na segurança do restante do eleitorado.

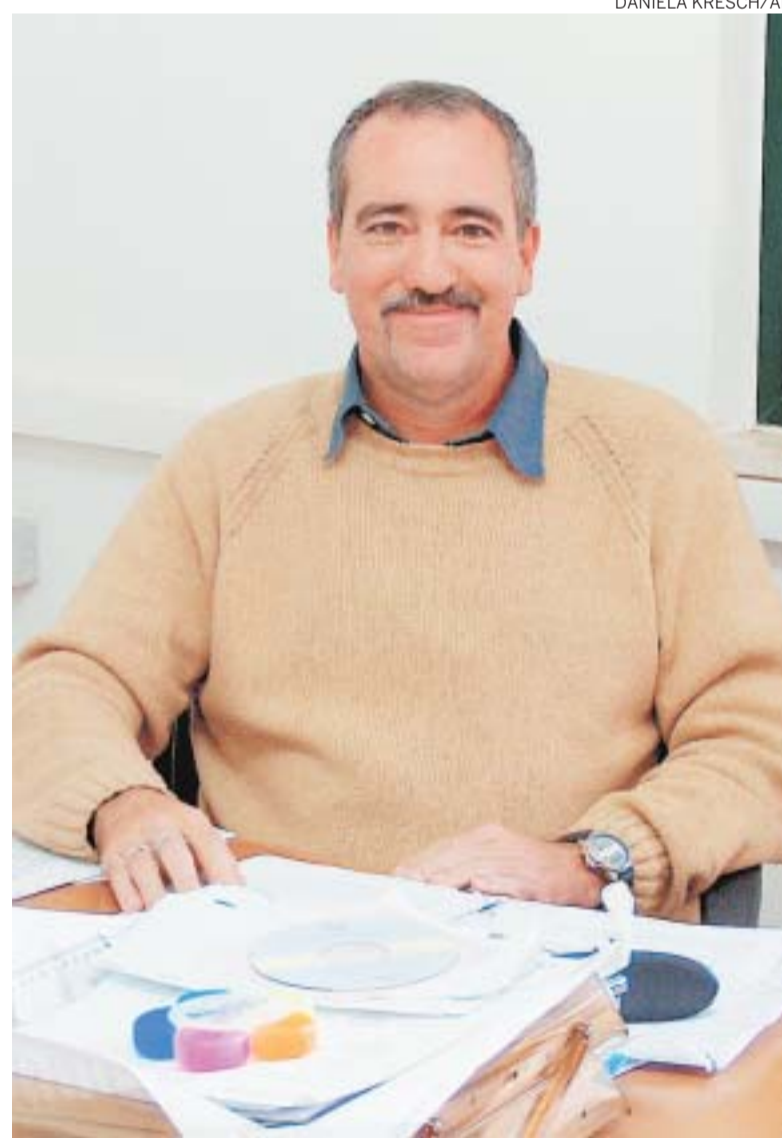
O brasileiro chegou a Ramallah em maio com a incumbência de criar o sistema de registro de eleitores e de candidatos da Autoridade Palestina (AP). Não foi uma tarefa fácil. São mais de 800 candidatos e exatos 1.273.794 eleitores cadastrados (85% dos adultos com direito de voto). Tudo isso em meio ao caos político e à crise de segurança que torna a vida nos territórios palestinos mais do que complicada.

“Os palestinos têm boa formação técnica, mas falta a eles experiência em eleições”, conta Siqueira. Segundo ele, não há lugar para vacilos quando se trata de uma votação tão importante, que pode ditar o futuro da AP. Qualquer problema no

sistema e a precisão do pleito pode ser contestada - principalmente por candidatos que se sintam prejudicados. O que tem tudo para ser uma festa democrática pode se transformar num evento violento.

“Não me sinto ameaçado em Ramallah. Aqui tem instabilidade política, mas não vejo a violência urbana diária de São Paulo ou do Rio de Janeiro”, diz. Apesar da sensação de segurança, o brasileiro admite que já passou por situações, digamos, desagradáveis.

Uma vez, andando pela rua, presenciou um seqüestro à plena luz do dia. Isso sem contar o dia em que militantes mascarados invadiram um centro eleitoral e, com medo, a Comissão Central Eleitoral deu folga compulsória a todos os funcionários. Apesar desses episódios, Siqueira diz que vai continuar na sua missão. ●



SIQUEIRA - Sistema registrou 800 candidatos e 1,2 milhão de eleitores

EUROPA

Ameaça de Chirac de usar a bomba tem apoio e críticas

Franceses, no geral, apóiam. Alemanha, Espanha e Grã-Bretanha, condenaram o discurso

Realí Júnior
CORRESPONDENTE
PARIS

O discurso do presidente Jacques Chirac adaptando a política de dissuasão nuclear francesa aos riscos atuais está provocando fortes reações em países como Alemanha, Grã-Bretanha e Espanha. As reações mais duras estão partindo de um grande número de políticos e editorialistas alemães que contestam a extensão da doutrina de dissuasão francesa a “Es-

tados terroristas”.

Se os governos estão silenciosos e constringidos, os políticos estão à vontade para formular críticas. Para eles, o momento parece ter sido mal escolhido, pois a chamada *troika* européia (Alemanha, França e Grã-Bretanha) não encontra uma saída para interromper o programa nuclear iraniano. No plano interno, o discurso de Chirac foi aprovado por conservadores e socialistas da oposição, mas condenado pelos verdes e comunistas.

Na Alemanha, país muito sen-

sível ao problema nuclear, políticos e imprensa hesitam entre ceticismo e desaprovação. Um dos responsáveis pela política externa da CDU, o partido da chanceler Angela Merkel, o deputado Andréas Schockenhoff, não acredita que “a ameaça de um ataque seja o instrumento mais apropriado para aumentar a pressão sobre o Ira”. Ele está convencido de que Chirac foi longe demais, lembrando que no caso iraniano não houve ruptura formal das negociações.

O ataque mais forte partiu

dos verdes alemães que classificaram as declarações de Chirac de “aventureiras e irresponsáveis”. Em Londres, o jornal *Financial Times* disse que Chirac foi claro em sua “ameaça nuclear”. Tanto Londres como Paris encontram cada vez mais dificuldades em justificar o próprio arsenal nuclear e, ao mesmo tempo, tentar impedir o acesso do Ira ao ciclo completo do átomo. Já na Espanha, o jornal *El País*, identifica “uma revisão radical e perigosa da doutrina nuclear francesa”, com Chirac fazendo o jogo do presiden-

te George Bush de banalizar o uso da arma nuclear.

Internamente, as declarações do presidente foram aprovadas pela oposição socialista. Para o ex-primeiro-ministro Laurent Fabius, Chirac tem razão em insistir na ameaça grave que constitui o terrorismo, enquanto Jack Lang, um dos pré-candidatos do partido à presidência da república, quer um debate nacional sobre o tema. Já Jean-Pierre Chevènement, ex-ministro da Defesa, aprova o desejo de Chirac de adaptar a dissuasão nuclear. ●

Kalunga
.com

Material escolar

tudo em até

12x*

Nos cartões:

MasterCard VISA

Cartão

* Acréscimo de 3,2% ao mês, para compras acima de R\$ 150,00.

Promoções válidas até 23/1/2006

Fotos meramente ilustrativas.

INTERNATIONAL PAPER

Papel sulfite 75 g alcalino Chamex Office

210 x 297 A4 pac. c/ 500 fls.

OFERTA ESPECIAL

cód. 476102

MONFORTE

Lancheira de lona grande Moranguinho

c/ aroma talh. Rosa 9011-P

RS 37,90 à vista

cód. 404212

ELGIN

Câmera Web Cam CVC - 2100

3X29,66 sem juros

ou R\$ 89,00 à vista

cód. 144873

spiral

Caderno ¼ brochura 96 fls. Moranguinho

pac. c/ 5 unid. RS 8,50 à vista

cód. 103827

SAMSUNG

Monitor convencional 15" ref. 591 V

3X96,33 sem juros

ou R\$ 289,00 à vista

cód. 446458

spiral

Agenda capa dura Femmina permanente

com aroma 138 x 210 mm 416 págs.

pac. c/ 1 unid. RS 18,90 à vista

cód. 008434

Vendemos somente embalagens fechadas.

click

www.kalunga.com

DISK

3347-7000

SP Capital e Grande SP

0800-0195566

Interior SP e outros Estados

+42 LOJAS

AUTO-ATENDIMENTO